

REMÉDIOS AMARGOS



*“Jesus, pois, lhes disse: Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. (...) Muitos, pois, dos seus discípulos, ouvindo isso, disseram: **Duro é este discurso; quem o pode ouvir?** (...) Desde então, muitos dos seus discípulos tornaram para trás e já não andavam com ele.” (João 6:53, 60, 66)*

Em se tratando de medicamentos, geralmente os melhores remédios são aqueles amargos ou dolorosos. Ainda assim, são os que resolvem os problemas. Em muitas ocasiões o amargo nos faz bem, e a dor nos cura.

Mas se aplicarmos essa mesma ideia no contexto da igreja evangélica contemporânea, perceberemos que não é assim que muitos dos que se dizem “cristãos” pensam. Diante de um sermão considerado por eles como “amargo”, é comum ouvirmos reclamações dos mais variados tipos. Todas acompanhadas por um semblante fechado e tempestuoso. E maioria dessas reclamações gira em torno do sermão que, segundo os críticos, deveria objetivar a animação da plateia e não o “castigo” e/ou constrangimento da congregação.

Ao dizermos que o sermão, discurso ou preleção teve um conteúdo amargo, queremos expressar a ideia de que a prédica foi dura, intransigente, severa. No texto grego da passagem bíblica acima, para o termo “duro” é utilizado o vocábulo σκληρός (*sklerós*) que significa “intolerável”, “violento”, “bruto”, “ofensivo”. E este era justamente o estilo dos sermões de Jesus na maioria das vezes. Nas pregações que fazia, o Senhor Jesus subia ou diminuía tom do discurso dependendo da necessidade dos ouvintes. O texto bíblico acima é um grande exemplo disso.

Quando Jesus pregou sobre o compromisso espiritual necessário para se obter a vida eterna, muitos dos seus discípulos o abandonaram. A mesma coisa acontece hoje em dia na maioria das igrejas evangélicas. Muitos pastores são quase que obrigados a pregar sermões “adocicados”, superficiais – ou até mesmo utópicos – sob o risco de perderem o rebanho. Essa triste realidade foi predita pelo apóstolo Paulo, dois milênios atrás, quando o mesmo escreveu sua segunda carta a Timóteo:

“Pois vai chegar o tempo em que as pessoas não vão dar atenção ao verdadeiro ensinamento, mas seguirão os seus próprios desejos. E arranjarão para si mesmas uma porção de mestres, que vão dizer a elas o que elas querem ouvir.” (2Timóteo 4:3 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

O ateniense Hipócrates (460-377 a.C.), considerado por muitos como o pai da medicina, costumava dizer: *“Para males extremos são muito bons os remédios extremos”*. Este princípio é o que permeia

toda a Bíblia no que tange a correção e a disciplina. E todos nós sabemos que a Palavra de Deus “é proveitosa para **ensinar**, para **redarguir**, para **corrigir**, para **instruir em justiça**” (cf. 2Timóteo 3:16).

Todo ser humano possui algum tipo de anomalia existencial. E toda hibridez humana tem, como ponto em comum, o coração. É dele que procede tanto a vida como a morte. Observe as palavras do autor de Provérbios e, subsequentemente, as do Senhor Jesus Cristo:

*“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque **dele procedem as saídas da vida.**”*
(Provérbios 4:23)

*“Porque do coração **procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias.**”* (Mateus 15:19)

Os textos acima nos ensinam que tudo o que há de bom e de ruim no homem tem como origem o coração. Os valores e princípios que o ser humano cultiva estão no coração (cf. Lucas 12:34). A produção dos nossos lábios revela o interior do nosso coração (cf. Mateus 15:18).

Se o problema da humanidade é “coronário”, a cura para essa situação está em aceitarmos a Deus como nosso “cardiologista” (cf. Ezequiel 11:19-20). Precisamos aceitar os conselhos (mensagem verbal) e seguir adequadamente a receita (mensagem escrita) que Ele nos propuser.

Observe as palavras de arrependimento do salmista Davi, em dois momentos distintos de confissão ao SENHOR:

*“As tuas flechas de dor me atingiram; eu senti o peso do castigo da tua mão. Por causa da tua ira, estou muito doente. **O meu corpo todo está enfermo por causa das minhas maldades.** Estou me afogando nos meus pecados; eles são uma carga pesada demais para mim. **Por causa da minha falta de juízo, tenho feridas que cheiram mal e apodrecem.** Estou muito abatido e encurvado e choro o dia todo. Estou muito doente, queimando de febre. Sinto-me profundamente abatido e desanimado; o meu coração está aflito, e eu fico gemendo de dor.”* (Salmo 38:2-8 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

*“Eu dizia: Senhor, tem piedade de mim; **sara a minha alma, porque pequei contra ti.**”* (Salmo 41:4)

De acordo com Davi, o pecado abre feridas no corpo e na alma. As disciplinas pedagógicas de Deus muitas vezes decorrem dos nossos pecados. E a Palavra de Deus no ensina que pecado não é apenas praticar o mal, mas também deixar de fazer o bem (cf. Tiago 4:17).

Normalmente quando possuímos uma ferida aberta, o tratamento mais indicado é a aplicação de um creme, pasta ou pomada que geralmente provoca ardor na região afetada. Da mesma forma, a “pomada” curativa de Deus (chamada de “correção” ou “disciplina”) muitas vezes gera ardência em nossa alma. E a razão para tal ardimento é que Deus espera uma mudança de atitude e posicionamento da nossa parte. As nossas feridas espirituais e existenciais precisam ser tratadas por Jesus ainda que, para isso, Ele se utilize de remédios (palavras) que causem certo ardor em nosso coração, como

aconteceu com os discípulos que estavam no caminho para a cidade de Emaús. Quando Jesus percebeu que os discípulos estavam tristes, o “remédio” aplicado por Ele não foi palavras “de ânimo”. Pelo contrário, as palavras de Jesus funcionaram como um remédio duro e amargo:

*“E ele [Jesus] lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós e **por que estais tristes?**... As que dizem respeito a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; e como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte e o crucificaram. E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas, agora, com tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram... E ele lhes disse: **Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!** Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? **E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras...** E disseram um para o outro: **Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras?**” (Lucas 24:17, 19-21, 25-27, 32)*

A Palavra de Deus afirma que nós – através do sacrifício de Cristo – somos filhos de Deus (cf. Romanos 8:16). Ela também nos ensina que “o Senhor **corrige** o que ama e **açoita** a qualquer que recebe por filho” (cf. Hebreus 12:6).

Na citação bíblica acima, para o verbo “corrigir” (também traduzido como “disciplinar”), é utilizado o vocábulo grego παιδεύω (*paideýō*) que denota primariamente “treinar crianças”, sugerindo a ampla ideia de educação. O termo diz respeito a um “castigo” ou “punição” como parte de um treinamento que envolve **correção** com palavras (reprovando ou admoestando) e **castigo** (pela imposição de males e calamidades). Na mesma passagem bíblica, para o verbo “açoitar”, é utilizado o vocábulo grego μαστιγῶω (*mastigōō*) que, metaforicamente, alude ao “castigo” aplicado pelo Senhor administrado em amor aos Seus filhos espirituais¹.

Não é só isso. A Bíblia acrescenta que, aqueles que deixam de receber a disciplina e correção vindas da parte de Deus, passam a ser tratados como **bastardos** e não mais como **filhos** (cf. Hebreus 12:8). Vivemos na dispensação da Graça. Ainda assim, os métodos pedagógicos de Deus continuam atuantes. Como bem disse o pastor batista Charles Haddon Spurgeon (1834-1892), “a espada da justiça não nos ameaça mais, mas a vara da correção paternal ainda está em uso”.

A disciplina de Deus é objeto do Seu amor por nós. O teólogo, poeta e escritor francês François de Salignac de La Mothe-Fénelon (1651-1715) certa vez afirmou: “Deus nunca fere, a não ser por amor, e nunca tira nada, a não ser para dar”. Mas nem sempre é fácil obtermos esse tipo de discernimento, conforme nos mostra o autor da epístola aos hebreus:

¹ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 369, 568-569 p.

“... **Deus nos corrige para o nosso próprio bem, para que participemos da sua santidade.** Quando somos corrigidos, isso no momento nos parece motivo de tristeza e não de alegria. Porém, mais tarde, os que foram corrigidos recebem como recompensa uma vida correta e de paz.” (Hebreus 12:10b-11 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

Todo comunicador da Palavra de Deus deve ser, a priori, um oráculo de Deus, um porta-voz do céu. Ele não pode de forma alguma negociar aquilo que recebeu de Deus. Pelo contrário, ele deve se manter fiel e cumprir cabalmente o ministério para o qual foi chamado (cf. 2Timóteo 4:5 – Revista e Atualizada). Afinal, sobre ele recai esta importante obrigação (cf. 1Coríntios 9:16).

Portanto, ainda que tenham um sabor amargo, devemos aceitar as exortações, correções e repreensões advindas daqueles que, vocacionados por Deus, atuam como nossos guias (cf. Hebreus 13:17). Devemos seguir a recomendação do autor de Provérbios que escreveu:

“Agora, pois, filhos, dai-me ouvidos e **estai atentos às palavras da minha boca; não se desvie para os seus caminhos o teu coração, e não andes perdido nas suas veredas**” (Provérbios 7:24-25)

Em sua carta a Tito, o apóstolo Paulo ordena que alguns cristãos judaizantes (que estavam causando confusão na igreja) fossem severamente repreendidos para que eles se tornassem “*sãos na fé*” (cf. Tito 1:13). Essa ordem apostólica nos ensina que **a repreensão severa – por parte do pastor – se torna necessária quando passamos a viver uma vida cristã cuja fé se encontra “adoecida”**.

Finalizo essa reflexão citando uma belíssima exposição do político britânico Thomas Judon Brooks (1880-1958):

“As correções ministradas por Deus são nossas instruções; Seus açoites, nossas lições, e Suas chicotadas, nossos mestres. Deus não esfregaria de maneira tão forte, se não fosse para eliminar a imundície e as manchas que há em Seu povo. Quando Deus ama, Ele aflige em amor, e sempre que o faz, cedo ou tarde, ensina a essas almas lições tais que serão proveitosas por toda a eternidade.”

Nele, cujas palavras produzem a vida eterna, ainda que essas palavras tenham um gosto amargo no momento da proclamação (cf. João 6:68),